

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## HISTÓRIA

## REPRESENTAÇÃO POLÍTICA EM PLENA DITADURA: UM ESTUDO SOBRE AS “COLUNAS DO CASTELLO” (1964 – 1979)

<sup>1</sup> Thatiana Milesi Veronez (PIBIC / CNPq); <sup>1</sup> Lúcia Grinberg (orientador).

1- Departamento de História; Escola de História; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: CNPq

Palavras-chave: representação política; participação civil; ditadura; Carlos Lacerda.

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho encontra-se em desenvolvimento desde março/2014, sendo uma substituição da bolsista Giovanna Frade Pezzino. O subprojeto é vinculado ao projeto de pesquisa “Imprensa e mobilização política: o caso de Carlos Castello Branco (1945 – 1979)” desenvolvido pela professora Lúcia Grinberg que tem por objetivo analisar, por fontes primárias escritas pelo jornalista Carlos Castello Branco no Jornal do Brasil, o movimento de 1964 e a ditadura militar. O foco é perceber através dos relatos de Castello Branco o contexto de ditadura e representação política informado por ele, sendo este um rico material de pesquisa. Neste sentido, a pesquisa se mostra original e visa analisar como o jornalista procurou informar a sociedade sobre o cenário político nacional e realizou um esforço em mostrar ao seu público leitor a necessidade de certos formalismos fundamentais para a representação política.

**OBJETIVO**

Em minha pesquisa pretendo mostrar como o jornalista Castello Branco, com todo seu prestígio adquirido ao longo de sua carreira, entendia e passava para a sociedade essa ideia de representação política durante a ditadura. Junto com essa análise, a figura de destaque seria Carlos Lacerda, político conservador da União Democrática Nacional, que fez ferrenha política partidária a fim de alcançar seus objetivos próprios, seja uma limpeza contra o perigo comunista ou aspiração a presidência da República. É a partir desses dois pontos principais – representação política e Carlos Lacerda – que analiso como Castellinho compreendeu e transmitiu esse assunto para a população.

**METODOLOGIA**

Esta pesquisa parte da análise das colunas escritas pelo jornalista Carlos Castello Branco se limitando à uma análise de ações udenistas no golpe e durante a ditadura, focando no caso do político conservador Carlos Lacerda. A atuação de Carlos Lacerda no campo político em época de ditadura e a possibilidade de ação partidária em uma ditadura é o objeto de estudo principal. Com informações provenientes dessas fontes primárias é possível identificar a atuação de Castello Branco realizando reflexões políticas sobre esses assuntos.

**RESULTADOS**

Em 1964 com a perda parcial dos direitos políticos há uma percepção do voto e da máquina democrática como formalismos necessários da representação política. Nesse sentido, os escritos diários de Carlos Castello Branco nos permite estudar a cultura política de viés liberal divulgada pelo jornalista. Ao longo do tempo, Castello Branco fez mais do que apenas informar a sociedade sobre a conjuntura política, o jornalista procurou sempre convencer sobre a necessidade de eleições, de voto, ou seja, de formalismos inerentes à democracia representativa, entendendo que a mesma se consolida através de um processo histórico. Por político atuante, tomamos o caso de Carlos Lacerda, frequentemente analisado por Carlos Castello Branco em seus escritos, como um grande articulador na deposição do presidente João Goulart, participando das decisões como governador do Estado da Guanabara e apoiando as lideranças militares pós-golpe por tempo determinado. Importante é situar a presença de Carlos Lacerda dentro da própria UDN e perceber como ele virou uma das vozes mais expressivas de seu partido, participando e sendo reconhecido como um líder civil na luta contra João Goulart. A própria UDN, começamos por ela, caracterizava-se como uma união formada por grupos heterogêneos. Setores liberais, de imprensa, reacionários, conservadores, das Forças Armadas, entre outros, constituíam essa híbrida união. Carlos Lacerda por ser dono da Tribuna da Imprensa, sendo este um importante veículo de oposição a Getúlio Vargas, serviu como um importante instrumento para a UDN de construção de um discurso de oposição as esquerdas. Essa participação intensa de Carlos Lacerda na mídia acabou por caracterizá-lo como o porta-voz udenista. Assim podemos observar que Lacerda, por meio da imprensa, criava discursos oposicionistas, aproveitando crises para capitalizar ganhos políticos. O acesso de Carlos Lacerda as grandes mídias, como a Rádio Globo e a Tv Tupi ajudaram a criar o lacerdismo – vertente radicalizada da UDN – sendo o Clube da Lanterna um exemplo dessa radicalização política lacerdistas. Quanto as vertentes udenistas, Carlos Castello mostra que não há apenas uma ideologia ou uma orientação. Pelo contrário, dentro da própria UDN havia o que o seu líder opunha firmemente: “Acha o Sr. Carlos Lacerda que a infiltração de ideias esquerdistas na UDN é hoje altamente comprometedor. (...) O Governador da Guanabara convenceu-se, igualmente, de que, além dos rumos ideológicos que a UDN vai seguindo, com os quais não pode nem deve concordar, existe por trás de tudo uma articulação de forças destinadas a excluir sua candidatura à Presidência da República.” (26/04/1963). Com alta popularidade, Carlos Lacerda torna-se líder da UDN e o lacerdismo aparece como um movimento impulsionador e discurso político. Castello Branco confirma isso quando fala que o “Sr. Carlos Lacerda foi na imprensa o porta-voz desse grupo – UDN – antes de se tornar na Câmara o seu regente” (22/01/1967). Com a pressão as medidas governamentais adotadas por João Goulart,

### 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Lacerda foi identificado como uma liderança civil da “Revolução”, apresentando discursos de direita, em que a ideia era de uma limpeza que seria possível somente com a derrubada da Constituição de 1946 para se construir a verdadeira democracia. Após apoiar e participar do golpe, há uma perspectiva de realização de eleições para presidente cada vez mais distantes do horizonte político e Carlos Lacerda se opõe ao tipo de governo militar instalado, afinal sua ideia era de que haveria apenas um apoio militar para realizar a limpeza democrática e depois aconteceriam eleições normalmente, como em uma democracia representativa. Em um primeiro momento de oposição, Lacerda tenta realizar oposição com a Frente Ampla, aliando-se a Juscelino Kubitschek e João Goulart, falando da necessidade da máquina democrática, de formalismos, de um processo de redemocratização. Castello coloca que “hoje, éle – Lacerda – de certo modo se penitencia dessa participação – de porta voz da UDN – e desse comando através de uma ação política que o reaproxima de antigas vítimas e o põe como intérprete e pregoeiro da sua ressurreição.” (22/01/1967). Com seus direitos políticos cassados e a Frente Ampla proibida de atuar, Lacerda se afasta da política partidária definitivamente, tornando-se correspondente dos jornais O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde até seu falecimento em 1977.

#### CONCLUSÃO

A ditadura brasileira iniciada em 1964 não teve somente uma participação militar, podemos ver também o intenso envolvimento de políticos conservadores e de entidades civis no golpe e durante a ditadura, sendo reconhecidos inclusive como lideranças expressivas no movimento de deposição do presidente. Durante esse período o que vemos é a constante suspensão dos direitos políticos e redução de aspectos democráticos com os atos institucionais. As crônicas de Carlos Castello Branco então são importantes para o estudo desse processo em que os direitos foram suspensos, ao passo que em suas colunas diárias Castellinho nos mostra o processo político e realiza reflexões sobre a democracia representativa no Brasil. Ao ler as colunas podemos perceber que mesmo de maneira tímida os partidos políticos desenvolviam suas políticas partidárias e articulavam interesses na tentativa de “redemocratizar” o Brasil com uma “revolução” para salvar o país que encontrava-se em um perigo de comunismo/getulista iminente, sendo a figura estudada por mim a de Carlos Lacerda, como Castello Branco nos mostra em suas colunas, “participou da conspiração – contra João Goulart – e da revolução” (17/04/1964). A percepção então é de que a mídia, sendo a principal e via de estudo, as Colunas de Castello Branco possibilita e constitui uma forma de pensamento e construção acerca de representação política, de reflexão sobre o campo político e das atividades civis e militares durante a ditadura brasileira.

#### REFERÊNCIAS

- OFFERLÉ, Michel. A nacionalização da cidadania cívica. IN: CANEDO, Letícia Bicalho (org.). O sufrágio universal e a invenção democrática. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- LAMOUNIER, Bolívar. A importância de certos formalismos. IN: LAMOUNIER, Bolívar (org.). Direito, cidadania e participação. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- BERSTEIN, Serge. Os partidos políticos. IN: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004.
- DREIFUSS, René Armand. 1964 – A conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.
- AARÃO REIS FILHO, Daniel (org.). A ditadura que mudou o Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- GRINBERG, Lucia. Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), 1965 – 1979.
- BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945 – 1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- DELGADO, Marcio de Paiva. Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946 – 1964). IN: Locus revista de história. Juiz de Fora, v.12, n.2, p. 137 – 153, 2006.
- MOTTA, Marly Silva da. Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes e construtor de um novo estado. Nossa História. Rio de Janeiro, n.19, p. 72 – 75, maio, 2005.
- LACERDA, Carlos. Depoimento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- SOUZA, Claudio Mello; COELHO, Eduardo; SCHIPPER, Liana Pérola (org.). Carlos Lacerda 1914 a 1977 – Cartas: família, amigos, autores e livros, política. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2014.